

OS  
PASSOS  
VERMELHOS  
DE  
JOHN *ou a invenção do tempo*

LUIGI  
RICCIARDI

EDITORA PENALUX, 2020

## OS PASSOS VERMELHOS DE JOHN

Foram dois tiros secos, distantes alguns segundos um do outro. Os sons que perpetuaram por décadas não foram provocados pelos disparos em si, mas pelo encontro das balas nas costas daquela mulher e pelos seus urros animais, anunciando a vida prestes a se extinguir. John gritou por socorro, mas até a ajuda chegar ela provavelmente estaria morta. Tudo se tornou lenda na terra das mentiras, país que oculta os fatos e inventa verdades. Para John dos Passos, aquilo tudo era bem real, o corpo dela era real, era muito mais que uma lenda. Era uma vida que se esvaía em uma terra que parece ter reinventado o tempo, recriado a história. Quando a levaram, ele ainda se deixou ficar imóvel, quase agachado. Sabia o que aconteceria se saísse: deixaria várias marcas pelo chão, marcas que o acompanhavam para onde quer que ele fosse: Itália, Espanha, França, Estados Unidos, Brasil. Mas precisava levantar. O seu caminhar deixava marcas de sangue. A metáfora passou a ser real mais uma vez.



## PARIS, 2018

A forte rajada virou as páginas do livro e o trouxe de volta à vida real. Somente a intensidade do vento para fazer com que ele parasse com sua intensa e vertiginosa leitura, que o consumia há dias. Dean demorou alguns segundos, mas achou novamente o ponto onde estava antes de ser interrompido. Terminou de ler o último período daquele parágrafo e colocou o marca-página para precisar o local.

Só aí realmente deu importância ao mundo externo àquelas páginas convidativas. O vento deixou algumas folhas de árvore sobre sua mesa. Na verdade, o terraço todo estava repleto de folhas, algumas cobriam as mesas que estavam vazias. Olhou para frente e viu o arco verde que marcava a entrada do café tremulando. O outono começou forte dessa vez, pensou. Não havia ninguém ocupando as outras mesas. Ninguém também ocupava, pensou, lugares em sua vida.

Lembrou-se então do café que o garçom havia deixado em sua mesa. Não sabia quanto tempo antes: um minuto, meia hora? A resposta ele encontrou na temperatura

da bebida, já impossível de ser consumida. Precisava pedir outro café ao garçom para que finalmente despertasse.

Antes de um banho e uma boa dose de cafeína, Dean não era uma pessoa muito amigável. Estava desperto naquele momento porque a leitura o estava consumindo. A xícara de café só completaria o trabalho naquela manhã que, talvez ele nem soubesse, acabaria o conduzindo a lugares que ele nem imaginaria frequentar, a mistérios até hoje não solucionados.

Era o segundo livro de John dos Passos que Dean Albuquerque lia. O primeiro havia sido *Manhattan Transfer* e o estudante achou genial. Albuquerque também ficou encantado por saber que o escritor estadunidense havia passado por Paris. Fazia mais de oitenta anos, mas ele também podia captar um pouco do ar de época, tão caro àqueles artistas da dita geração perdida. Olhando ao seu redor, Albuquerque ficou tentando imaginar os encontros da trupe dos anos 1920 e 1930 naquele estabelecimento. O *La Closerie des Lilas* era um café centenário que recebeu inúmeras pessoas artisticamente influentes. Muita gente adotara o lugar como segunda casa. Discussões filosóficas e estéticas sobre arte eram desenvolvidas ali em suas mesas, regadas a um bom café ou a doses de Martini. Será que John tivera alguma ideia ali naquele café, talvez sentado à mesma mesa, sobre o livro que agora Dean Albuquerque lia no mesmo local?

Seus devaneios foram interrompidos por uma nova e fortíssima rajada de vento, que derrubou e esvaçalhou um copo vazio da mesa vizinha. Dean percebeu: não poderia continuar ali. Recolheu suas coisas e foi para a parte interna do estabelecimento. No caminho, cruzou com um garçom e pediu um novo café. O cheiro de croissant na manteiga o invadiu assim que cruzou a porta de entrada. Só agora se lembrava que não comia havia muitas horas, desde o almoço do dia anterior. Chamou o garçom novamente e pediu dois croissants.

Retomou a leitura após se sentar à mesa mais próxima da entrada, já na parte principal do café. Não conseguia se desconectar do personagem Fairy McCreary, do romance *Paralelo 42*, de John dos Passos. Em breve, Dean conheceria outros personagens tão interessantes quanto esse. A literatura de John dos Passos não possuía protagonistas.

O povo, em seu conjunto e em suas individualidades, era o grande protagonista. Foi isso que encantou o rapaz. Nos Estados Unidos, poucos se dariam ao trabalho de pensar nas classes mais baixas, excluídas socialmente em um país que vendia a felicidade a cada esquina, como se a fome, o medo, a violência, a falta de perspectivas, os assédios e o racismo não existissem.

Era uma literatura polifônica, constatou Dean, especialista em literatura. As vozes do povo compunham

um mosaico, assim como a sociedade, construída como um painel de pequenos azulejos desconexos, mas que formavam uma imagem una. Era uma compilação de vozes da cultura popular, da imprensa e de tantas outras fontes. Nenhum escritor conseguira fazer isso anteriormente, sobretudo em seu país. Passos precisou beber na vanguarda francesa para se desprender das amarras do Tio Sam, diria Albuquerque certa vez a um amigo, em um tom tanto professoral quanto ideológico. Ao povo pertence a arte e as ferramentas de mudança, concluiria.

Tomou o café e comeu vorazmente seus dois croissants. É o melhor perfume dessa cidade, pensou. A gula não era gratuita, Dean queria voltar rapidamente ao livro. Em menos de dois meses, lia praticamente toda a obra do seu conterrâneo, passando por *1919* e *O grande capital*. Já quase não conseguia se concentrar em sua dissertação de mestrado que desenvolvia na Sorbonne sobre Charles Baudelaire. Poucos meses depois ele a terminaria, com louvor e muito custo, para poder voltar a se dedicar às leituras de John dos Passos, que ele descobrira tão tardiamente.

Passaria aquela tarde de outono no café, lendo o romance, fazendo analogias e anotações. A literatura é isso, pensou, a literatura é essa coisa que nos penetra nos ossos, sai pelos poros, come nossa carne. A arte é isso, essa necessidade de questionamento, de transformação, mas

que antes passa pelo chacoalhar interno de cada pessoa que entra em contato com ela. Embora exija um pensamento e uma reflexão sobre a estética, a arte é esse fogo purificador que se alastra e embala o mundo.

À noite, já em sua casa, sua cabeça era cheia de desejos e a vida parecia não poder conter todos os seus impulsos, realizar tudo o que ele queria. Dean não tinha mais cidade para si, não se sentia cidadão de nenhuma delas, embora achasse casa nelas todas. Tudo era um mundo a explorar.

Ele gastava ali naquele café os últimos tostões que tinha, em uma espécie de romantismo na desgraça. Sem mulher, dinheiro e emprego, só encontrava solução nas páginas literárias. Sua cama de solteiro em um pensionato em Montparnasse mal conseguia suportar seu peito cheio de anseios. O café estava lotado e Dean se sentiu só.



AGRADECIMENTOS AOS QUERIDOS E QUERIDAS:

Ademir Demarchi, que me deu a ideia para o romance.

Marcos Peres, Victor Simião, Ivana Veraldo e Bárbara  
Fulton, que leram o livro durante o processo de escrita.

João Laércio e Reginaldo Dias, meus consultores  
históricos.

Thays Pretti, que fez a revisão final e deu vários  
toques interessantes.

José Almeida Jr, que escreveu o texto de orelha.

## LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em Electra LT Std  
para a Editora Penalux, e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em abril de 2020.

---